

Opinião

Ideias



JOSÉ MANUEL FERNANDES
Deputado ao Parlamento Europeu

Basta! Os contribuintes não podem pagar mais!

O Governo de António Costa e da esquerda radical recebeu uma boa herança e foi ainda bafejado por ventos europeus favoráveis, mas desperdiçou a oportunidade de modernizar Portugal. António Costa e a esquerda são bons na arte da propaganda e da ilusão, mas são maus, muito maus, na governação. Hoje, é bem claro que, afinal, a dívida pública aumentou, a carga fiscal está no máximo desde que há registo, enfrentamos mais greves do que no tempo da Troika e – pasme-se – o governo de Costa injetou mais dinheiro para salvar a banca do que o de Passos!

Por outro lado, os serviços públicos pioraram, a saúde está em retrocesso, voltamos a ter o aumento da mortalidade infantil e baixamos nos indicadores de saúde das nossas crianças! Na proteção civil e nos transportes, a segurança das pessoas está em risco.

Esta desgovernação hipoteca o futuro e prejudica, no imediato, os mais pobres, precisamente aqueles de quem a esquerda radical se diz a mais defensora e protetora!

O PS, o BE e o PCP quiseram que assim fosse. Eles detestam a iniciativa privada. Não gostam das palavras competitividade e empreendedorismo. Não percebem que só poderemos ter melhores serviços públicos, melhores salários, mais justiça social e mais igualdade se apostarmos nas pequenas e médias empresas, se reduzirmos a burocracia, se garantirmos previsibilidade fiscal, se tivermos uma justiça célere.

Portugal não se moderniza com propaganda. Repare-se o que tem andado a fazer o primeiro-ministro António Costa e o

ministro Pedro Marques: andam há meses a prometer que, depois de 2021 e até 2030, vão fazer mais de 22 mil milhões de euros em infraestruturas! Um exercício de “engana meninos”. É que não há definição do custo, nem o cronograma de execução de cada obra.

Pedro Marques é o ministro que tem uma execução do Portugal 2020 nos 34% e que apenas executou 9% do que ele próprio tinha planeado para a ferrovia – dos 20 projetos previstos e anunciados, 8 já deveriam estar concluídos, mas isso não acontece com nenhum e apenas 6 estão em obra! Mas vem agora dizer que depois de 2021 é que vai ser. A situação é mais grave, a confirmar-se Pedro Marques como cabeça de lista do PS às eleições europeias. Percebo que António Costa se queira livrar de Pedro Marques, “o ministro do desinvestimento”. Mas não é aceitável que se utilize e confunda os meios e os recursos do Estado com os interesses puramente partidários.

Nem na negociação dos próximos fundos para o período 2021-2027 temos um governo competente e com peso político. Não tem sido dito, mas há que referi-lo: a comissária Corina Cretu é socialista, a responsável pela política regional, e foi ela que propôs um corte de 7% no envelope financeiro destinado a Portugal. Então nem os elementos da mesma família política convencem? É a mesma comissária com que António Costa e Pedro Marques andaram de braço dado, recentemente, em Lisboa, numa encenação a propósito da reprogramação do Portugal 2020 em que não tiveram nem um cêntimo adicional, ao contrário do que tentaram fazer crer à opinião pública.

O governo não se pode queixar do PSD e tem de reconhecer a força que temos no Partido Popular Europeu, que é o maior grupo político do Parlamento Europeu. Fomos nós, deputados do PSD no Parlamento Europeu, que apresentamos e aprovamos propostas para que Portugal tenha cerca de 14 milhões de euros por dia no período 2021-2027. É essa a proposta do Parlamento para os próximos fundos. Não aceitamos cortes na política de coesão, na agricultura ou nas pescas. Desta forma, respeitamos na íntegra o acordo que o líder do PSD, Rui Rio, assinou com António Costa, do PS. Nesse acordo, assumimos que não aceitamos cortes e rejeitamos impostos europeus. Esse acordo defende o interesse nacional e obriga e responsabiliza António Costa, que tem de o cumprir e respeitar. Convém referir que a própria Comissão Europeia melhorou a sua proposta face a Portugal, graças a esse acordo. Esteve bem Rui Rio ao assinar um acordo que defende o interesse nacional e dá força a Portugal.

Face à saída do Reino Unido, e para evitarmos cortes orçamentais, temos de aumentar as receitas sem penalizar os contribuintes. Para isso, é essencial que cada parlamento nacional concorde com uma taxa sobre as transações financeiras e sobre a taxação de plataformas digitais como a Google, o Facebook e a Uber, que não pagam impostos.

Insisto: não podemos aumentar o orçamento à custa do aumento das transferências dos orçamentos nacionais, porque tal significaria aumentar a carga fiscal sobre os portugueses.

Basta! A carga fiscal já está demasiado elevada.

+ gosto

+ A marca “Namorar Portugal” tem uma força brutal. Os lenços dos namorados de Vila Verde inspiram, trazem inovação e fomentam o empreendedorismo, são responsáveis pela criação de muitas empresas e postos de trabalho. Os motivos dos lenços dos namorados, a força da simplicidade, a força do amor, a promoção de valores estão bem patentes na marca “Namorar Portugal”. Parabéns à Câmara Municipal de Vila Verde pelo trabalho que desenvolve nesta área e pelo vasto e envolvente programa do denominado “Fevereiro-Mês do Romance” com as mais de uma centena de atividades.

+ Os autarcas do Norte estão a colocar a regionalização na agenda da discussão política nacional. Face ao insucesso da proposta de descentralização do governo e aos resultados desastrosos da incompetência deste governo, sobretudo ao nível das garantias e da qualidade nos serviços aos cidadãos, há que discutir serenamente a regionalização.

- não gosto

- Para a esquerda radical, as greves dos trabalhadores só se justificam se forem promovidas por sindicatos que os mesmos partidos de esquerda dominem. A greve dos enfermeiros é classificada por António Costa como selvagem! Agora, até o financiamento através da plataforma crowdfunding é ilegal. Exatamente a mesma plataforma que António Costa usou quando foi candidato à Câmara de Lisboa.

- São preocupantes – e até inusitados – os mais recentes dados sobre a saúde das crianças e a mortalidade infantil em Portugal. Segundo dados do Eurostat, a média geral de crianças de boa e muito boa saúde geral em Portugal situa-se nos 90,2%, abaixo da média europeia que está nos 95%. Isto, num ano em que ficamos a saber que em Portugal a mortalidade infantil aumentou em 2018. E que estamos também muito abaixo dos outros países europeus e do mundo ao nível dos cuidados da pedopsiquiatria.

i inquérito



SOBRINHO SIMÕES

Médico

“Não haverá um cura. Essa é uma palavra perigosa. O cancro já é hoje uma doença crónica”.



ISABEL MENDES

Auxiliar de Limpeza

“Espero que sim. Tenho essa esperança”.



ANA CRISTINA FERNANDES

Engenheira Agrónoma

“Efectiva acho que não porque todas as outras doenças vão estar associadas ao cancro”.



ANTÓNIO SÁ

Técnico de Sala

“Acredito que ao longo do tempo se encontre uma cura”

Acredita que se encontrará uma cura efectiva para o cancro?